

## Ser professor no sertão baiano: memórias de professores leigos (Casa Nova-BA, 1960-1990)



Maria do Socorro Carvalho<sup>iD</sup>

Centro Universitário Alfredo Nasser, Goiânia, GO, Brasil

Virgínia Pereira da Silva de Ávila<sup>iD</sup>

Universidade de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

### Resumo

Este texto analisa a trajetória de três professores leigos, duas mulheres e um homem, que atuaram em escolas de Ensino Fundamental na zona rural de Casa Nova, Bahia, Brasil, entre as décadas de 1960 e 1990. O recorte temporal compreende a chegada do Curso Normal em Casa Nova e a conclusão deste curso pela maioria dos entrevistados. A metodologia consiste no uso da História Oral e análise de documentos pessoais e institucionais. As entrevistas foram realizadas em 2022, durante a pandemia da Covid-19, momento que exigiu isolamento social, principalmente dos idosos. Nesse contexto atípico, respeitando os protocolos de saúde, os professores foram contatados por telefone e os questionários enviados para a casa de cada um. De forma geral, os relatos mostraram que, apesar dos obstáculos para cursar o curso de Formação para o Magistério Primário, todos concluíram com sucesso a formação e alguns seguiram para cursos superiores e de especialização.

### Palavras-chave

memórias de professores leigos; formação de professores; história da educação.

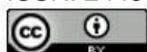
### Being a teacher in the backlands of Bahia: memories of lay teachers (Casa Nova-BA, 1960-1990)

### Abstract

This text analyzes the trajectory of three lay teachers, two women and one man, who worked in primary schools in the rural area of Casa Nova, between the 1960s and 1990s. The time frame includes the arrival of the Normal Course in Casa Nova, Bahia, Brazil, and the completion of this course by most of the interviewees. The methodology consists of the use of oral history and analysis of personal and institutional documents. The interviews were conducted in 2022, during the Covid-19 pandemic, a time that required social isolation, especially for the elderly. In this atypical context, and respecting health protocols, the teachers were contacted by telephone and the questionnaires sent to each one's home. In general, the reports showed that, despite the obstacles to attending the training course for primary school teaching, all successfully completed their training, and some went on to higher education and specialization courses.

### Keywords

memories of lay teachers; teacher training; history of education.



## Ser docente en el sertão de Bahia: memórias de docentes laicos (Casa Nova-BA, 1960-1990)

### Resumen

Este texto analiza la trayectoria de tres docentes laicos, dos mujeres y un hombre, que trabajaron en escuelas primarias de la zona rural de Casa Nova, Bahia, Brasil, entre las décadas de 1960 y 1990. La delimitación temporal incluye la llegada del Curso Normal a Casa Nova y la realización de este curso por la mayoría de los entrevistados. La metodología consiste en el uso de la historia oral y el análisis de documentos personales e institucionales. Las entrevistas fueron realizadas en 2022, durante la pandemia de Covid-19, época que requirió aislamiento social, especialmente para las personas mayores. En este contexto atípico, respetando los protocolos sanitarios, se contactó telefónicamente con los profesores y se enviaron cuestionarios al domicilio de cada uno. En general, los informes mostraron que, a pesar de los obstáculos para asistir al curso de Formación para la Enseñanza Primaria, todos completaron exitosamente su formación y algunos alcanzaron estudios superiores y cursos de especialización.

### Palabras clave

memoria de los maestros laicos; formación de profesores; historia de la educación.

## 1 Introdução

Os professores leigos<sup>1</sup> desempenharam um papel importante no município de Casa Nova, Bahia (BA). Eles foram os responsáveis pela alfabetização de crianças e adolescentes de comunidades rurais isoladas na década de 1960. A maioria dos professores vivia nas comunidades rurais onde lecionavam e usavam suas próprias casas para o funcionamento da escola. Ali, naquele espaço domiciliar, conciliavam as tarefas domésticas, cuidando da família, com o compromisso de ensinar o pouco que sabiam aos alunos. Outros deixavam suas famílias na cidade e iam morar na zona rural em lugares isolados e distantes (Gonçalves, 2015).

De acordo com Oliveira (2023), as décadas de 1960 e 1970 foram um marco na história da educação em Casa Nova-BA. Na educação, houve avanços com a chegada do Curso Normal, que oportunizou a formação de professores leigos da região. Em 1961, quando o Curso Normal chegou à cidade, o quadro de professores primários era composto basicamente por professores leigos. Oliveira (2023) identificou que, até a década de 1990, ainda existiam professores leigos nas escolas no interior do município.

<sup>1</sup> Termo atribuído aos/às professores/as que não possuíam habilitação para o exercício do magistério (Ávila, 2013).

No Brasil, a formação de professores passa a ser objeto de legislação própria a partir da promulgação da Lei Orgânica de Ensino Normal, pelo Decreto-Lei n.º 8.530, de 2 de janeiro de 1946. Nesse Decreto-Lei, destacam-se dois pontos importantes, o primeiro é que o Curso Normal foi destinado, em primeiro plano, aos estados e ao Distrito Federal, e o segundo ponto é a preocupação com a expansão do Ensino Primário no Brasil associada à necessidade de formar professores para atender a essa demanda. Outro aspecto importante refere-se à gratuidade dos cursos de formação de professores na Escola Normal. É nessa perspectiva de avanço educacional que o Decreto-Lei n.º 8.530/1946 permanece em vigor até a criação da próxima lei, em 1961.

Em 1961, a Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro, sancionada pelo presidente João Goulart, estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A partir de então, a formação de docentes para o ensino primário passa a ser realizada em escola normal de grau ginasial com um mínimo de quatro séries anuais, com disciplinas obrigatórias do curso secundário ginasial e preparação pedagógica; e em escola normal de grau colegial, de pelo menos três séries anuais, em continuação ao vetado grau ginasial (artigo 53). Para as escolas rurais primárias, a formação de professores, orientadores e supervisores poderia ser feita em estabelecimentos integrados ao meio (artigo 57).

Nesse período, o município de Casa Nova-BA localizava-se na região hoje denominada de Dunas do Velho Chico; na época, várias localidades deixaram de existir devido à construção da barragem de Sobradinho, no início da década de 1970, causando inundação e submersão de pequenas cidades.

Atualmente, a cidade de Casa Nova-BA está localizada em um novo espaço geográfico, segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, com área de 9.647,072 km<sup>2</sup>. O município tem 72.085 habitantes e faz parte do território do sertão do São Francisco, incluindo municípios como Sobradinho, Sento Sé, Remanso, Curaçá e Pilão Arcado. Considerando as cidades de Petrolina, Pernambuco (PE), Rajada-PE, Juazeiro, Bahia (BA), e Dom Inocêncio, Piauí (PI), essa população soma mais de um milhão de habitantes. As atividades econômicas desenvolvidas no município estão voltadas para a fruticultura irrigada, vinícolas, cooperativismo e associativismo, uma vez que a cidade é a maior criadora de caprinos e ovinos do

estado da Bahia. Sobre o nível de alfabetização, segundo dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) 2023, o município atingiu a meta 4,3 nas avaliações de Português e Matemática, superando os resultados de 2023.

O município, na década de 1960, contava com 103 professores, dos quais 28 eram diplomados e trabalhavam na sede, os demais eram leigos, isto é, não possuíam habilitação para o magistério (Oliveira, 2023). Para ingressar no curso de Formação para o Magistério, os/as candidatos/as deveriam apresentar certidão de nascimento, atestado médico, certificado de boas condições de saúde, inclusive com as vacinas em dia, diploma de conclusão do curso primário e três fotos 3x4 (Oliveira, 2023).

O curso para a formação de professores recebeu a denominação de Curso Normal. Nesse curso, os alunos matriculados eram, em sua grande maioria, mulheres solteiras que viviam em casas cedidas por famílias (Oliveira, 2023). Sobre essa questão, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1961, no artigo 32, menciona que “Os proprietários rurais que não puderem manter escolas primárias para as crianças residentes em suas glebas deverão facilitar-lhes a frequência às escolas mais próximas, ou propiciar a instalação e funcionamento de escolas públicas em suas propriedades”. Das famílias mais simples aos fazendeiros, todos deveriam contribuir abrindo as portas de suas casas para alfabetizar as crianças da zona rural do município.

Em 1971, a Lei n.º 4.024/1961 foi reformulada e substituída pela Lei n.º 5.692, de 11 de agosto, no governo do presidente Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), passando a se exigir como formação mínima para o exercício do magistério: no ensino de 1º grau, da 1ª à 4ª séries, habilitação específica de 2º grau; no ensino de 1º grau, da 1ª à 8ª séries, habilitação específica de grau superior, ao nível de graduação, representada por licenciatura de 1º grau obtida em curso de curta duração; em todo o ensino de 1º e 2º graus, habilitação específica obtida em curso superior de graduação correspondente à licenciatura plena (artigo 30). Em contexto de uma ditadura civil-militar, essa legislação atendeu às exigências de um dos períodos mais violentos vividos no país. De acordo com Ávila, Silva e Rocha (2018), a política educacional do regime militar (1964-1985) provocou muitas mudanças no cenário educacional ao longo dos seus 21 anos de duração, com muita turbulência em todo o território nacional. Em 1985, a ditadura acabou, deixando sequelas até os dias atuais.

Na década de 1990, a formação de professores ganhou novos contornos com a publicação da LDBEN n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. O artigo 62 afirma que “[...] a formação de docentes para atuar na Educação Básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de Educação”. O artigo acrescenta ainda que, para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, era “[...] admitida uma formação mínima para o exercício do Magistério, que é o nível médio na modalidade normal” (Brasil, 1996).

Oliveira (2023) relata que “[...] o curso Normal de Casa Nova foi extinto em 2004”, nesse período, houve “[...] a implantação de turmas de Licenciatura em Pedagogia pelo Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – Parfor” (Andrade, 2017, p. 29). A seleção dos alunos consistia na realização de vestibular, com aplicação da prova no próprio município. Em Casa Nova-BA, as turmas eram compostas por professores que tinham concluído o Curso Normal.

Este texto aborda a trajetória e as experiências de três professores, duas mulheres e um homem, que atuaram em escolas primárias na zona rural de Casa Nova-BA, entre as décadas de 1960 e 1990. A delimitação temporal compreende o ano de implementação do Curso Normal e a conclusão do curso da maioria dos entrevistados.

## 2 Metodologia

Os procedimentos de pesquisa consistiram na utilização da metodologia de História Oral. Para Joutard (2000), a História Oral permite que cada indivíduo seja o autor de sua própria história, assim, como diz Bosi (2009), a veracidade do narrador não importa tanto. Para ela, o que interessa é o que foi lembrado, o que ficará para a história. Entende-se, como diz Le Goff (2012, p. 457), que “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.

O pensamento de Le Goff (2012) contribui para refletirmos sobre a construção das memórias e a importância da preservação dessas memórias na construção de uma história coletiva. No contexto da educação no meio rural, as memórias dos professores

têm um valor histórico inestimável, pois contribuem para que suas próprias histórias e as de tantos outros professores não sejam esquecidas, mas que façam parte de um registro histórico da educação local.

Por outro lado, é necessário, como nos lembra Thomson (2000), que o historiador esteja atento às nuances culturais ao realizar entrevistas, ou seja, que compreenda a diversidade cultural dentro de uma mesma sociedade. A pesquisa documental, por sua vez, recorre “[...] a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas analíticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão etc.” (Fonseca, 2002, p. 32).

O ano de 2022 foi marcado no Brasil e no mundo pela pandemia de Covid-19, momento que exigiu isolamento social, principalmente para pessoas idosas, como foi o caso dos nossos entrevistados. Nesse contexto atípico, respeitando os protocolos sanitários de isolamento social, os professores foram contatados por telefone e os questionários enviados para o domicílio de cada um<sup>2</sup>. Os três questionários foram respondidos à mão. As questões foram divididas em quatro blocos, sendo o primeiro composto por questões sobre infância e escolarização básica, o segundo sobre formação de professores, o terceiro sobre profissionalização e o quarto sobre carreira e condições de trabalho. Para aprofundar o tema, foram utilizados estudos sobre formação, profissionalização e memórias de professores rurais (Ávila; Silva; Rocha, 2018; Chaloba; Celeste Filho; Mesquita, 2020; Oliveira, 2023; Schelbauer; Souza, 2020; Serra; Barreto, 2020), entre outros não menos importantes.

### 3 Resultados e discussão

#### 3.1 *Crescendo e trabalhando como professora na zona rural de Casa Nova*

Nossa primeira entrevistada foi Maria de Lourdes Lopes da Silva Xavier, conhecida como professora Lourdinha. Nasceu no dia 20 de fevereiro de 1943, na

<sup>2</sup> Projeto aprovado pelo Comitê de Ética do Centro Universitário Integrado de Saúde Amaury de Medeiros (Cisam) da Universidade de Pernambuco (UPE), em 9 de dezembro de 2021. Parecer n.º 5.177.797.

cidade de Casa Nova-BA (velha), no sertão baiano. A entrevista foi realizada em 2022; na época, a professora tinha 79 anos de idade.

Imagem 1 – Professora Lourdinha, 2022



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Lourdes Lopes da Silva Xavier (2022).

Nos relatos da professora Maria de Lourdes, ela lembra a sua infância, o período de adolescência e a vida familiar.

*Minha infância até os 12 anos foi ótima, de brincadeiras e estudos. A minha adolescência foi de trabalho, pois comecei a trabalhar desde os 13 anos de idade. Fui morar no interior da cidade para dar aulas para meus primos e regiões adjacentes. Dava aulas em uma casa de família e depois em uma casa de beira de estrada que conseguiram para eu dar aulas a todas as crianças daquela comunidade rural (Xavier, 2022).*

O testemunho da professora revela uma infância feliz junto de sua família até os 12 anos de idade. Mais adiante, aos 13, a criança se transforma na menina-professora. Segundo Xavier (2022), foi chamada para morar na zona rural na casa dos tios para dar aulas aos primos e acabou lecionando para mais de 60 crianças e adolescentes como ela, divididos em dois turnos, manhã e tarde.

A sua escolarização primária foi feita com a cartilha do ABC até a 4ª série, considerada a base necessária para alfabetizar. Como já sabia ler e escrever, poderia ensinar as crianças que ainda não estavam alfabetizadas. Segundo ela, “[...] na zona rural, naquela época no final da década de 1950 e início da década de 1960, não

*existiam escolas construídas nem pelo estado nem pelo município; era uma raridade se ouvir falar; as escolas funcionavam nas casas de famílias” (Xavier, 2022).*

Foi na década de 1960 que a formação de professores passou a ser oferecida no município com a chegada do Curso Normal. Como cita Andrade (2017), as marcas deixadas pelas experiências vividas no processo de escolarização são importantes para pensarmos nossa trajetória, nossa formação profissional e humana, como nos ensina a professora. Para Oliveira, Araújo e Silva (2020, p. 5), “[...] os saberes profissionais dos professores carregam as marcas do ser humano e provêm inclusive de sua história de vida e de sua cultura escolar anterior”.

No caso da professora Lourdinha, a sua profissionalização veio antes da sua formação. Ela conta que foi a partir do convite do fazendeiro, apenas para ela ensinar os filhos dele a ler e escrever (Xavier, 2022). Para Schelbauer e Souza (2020, p. 364), “[...] pensar a história é pensar nosso agir e transformar o mundo, a partir das relações que estabelecemos com o nosso lugar”. O lugar de origem e a necessidade de contribuir com a transformação de vida das crianças fizeram com que dona Lourdinha não olhasse para as dificuldades, como a falta de material escolar, de cadeira para as crianças se sentarem, de alimentação e – o que era mais importante – de uma escola para poder ensinar a tantas crianças.

A professora foi contratada pelo município em 1º de março de 1960, com o salário de 300 cruzeiros, que, convertendo para o real, corresponde a 10,91 reais. A carteira foi assinada pelo prefeito José Hermelino Santos, conhecido como Zé da Totonha, que atualizou a carteira em 1991, ano em que contabilizavam os exatos 31 anos de profissão docente dela com carteira assinada pelo município de Casa Nova-BA.

Conta que já dava aulas em uma casa abandonada quando recebeu um visitante ilustre, o doutor Adolfo Viana, político da região que mudou a sua história, das crianças e da comunidade. A Imagem 2 mostra a inauguração da primeira escola rural da antiga cidade de Casa Nova-BA.

**Imagem 2** – Escola de Canudos, zona rural de Casa Nova-BA, 1964



**Fonte:** Acervo pessoal de Maria de Lourdes Lopes da Silva Xavier (2022).

A professora Maria de Lourdes conta a história mais inesquecível de sua vida:

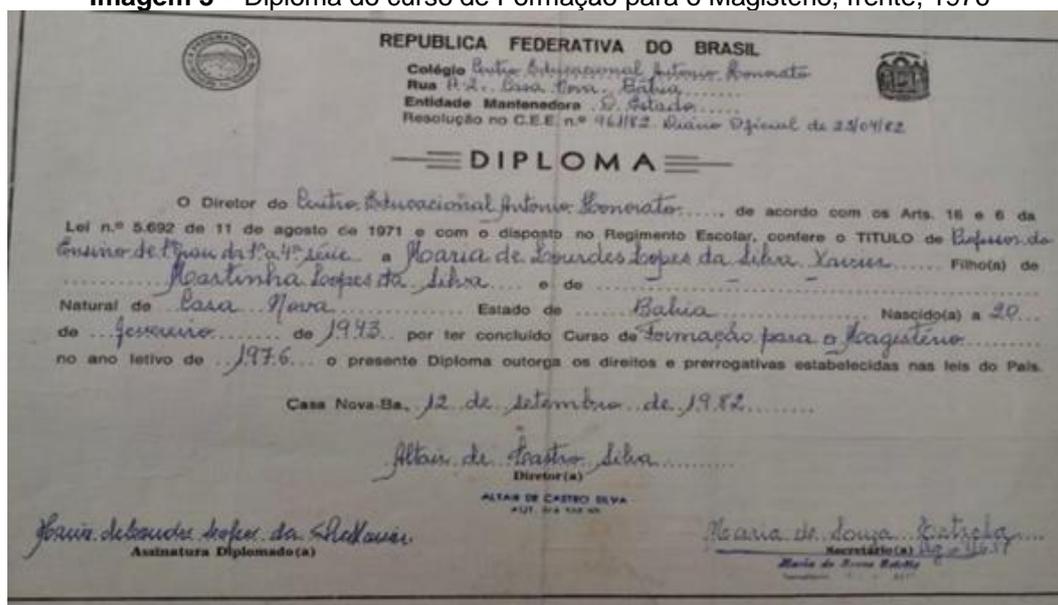
*Eu estava dando aulas em uma casinha na beira da estrada, quando o carro de doutor Adolfo Viana, político da época, parou. Ele ia passando na estrada e viu uma casinha [...]. Ao me chamar no canto, ele me pediu para procurá-lo na prefeitura da cidade, pois ia construir uma escola para minhas crianças. Eu o procurei rapidamente e ele cumpriu a promessa e construiu a nossa primeira escola de Canudos. Teve inauguração com uma bela missa e a primeira comunhão dos alunos foi inesquecível (Xavier, 2022).*

Em 1976, a professora Maria de Lourdes concluiu o curso de Formação de Professores no Centro Educacional Antônio Honorato, em Casa Nova-BA. Sua trajetória foi marcada por muita dedicação aos estudos.

O diploma adiante, como mostra a Imagem 3, representa um longo processo de formação, alterando o *status* de professora leiga vocacionada para professora formada no Curso Normal do Centro Educacional Antônio Honorato<sup>3</sup>, de Casa Nova-BA.

<sup>3</sup> O Centro Educacional Antônio Honorato teve, em suas instalações, o curso de formação para o magistério até o ano de 2004, no turno matutino, quando a última turma concluiu o curso.

**Imagem 3** – Diploma do curso de Formação para o Magistério, frente, 1976



**Fonte:** Acervo pessoal de Maria de Lourdes Lopes da Silva Xavier (2022).

Em 1994, a professora Lourdinha ingressou no curso de licenciatura plena em Letras – habilitação em Português/Inglês, na antiga Faculdade de Formação de Professores de Petrolina (FFPP)<sup>4</sup>, concluindo o curso em 1998. A professora dedicou sua vida à educação. Aposentou-se em 1991 pelo município e trabalhou como concursada pelo estado, dando entrada em sua aposentadoria pelo estado da Bahia em 2015.

### 3.2 Da roça para a escola: reminiscências de uma professora negra na região do Poço

A segunda entrevistada foi a professora Ana da Rocha Braga, conhecida como Ana Rocha. Nasceu em 26 de agosto de 1951, na localidade de Recanto, região do Poço, na antiga cidade de Casa Nova-BA. Em 2022, a professora estava com 72 anos de idade.

<sup>4</sup> Criada pela lei municipal nº 31, de 29 de outubro de 1968, a de FFPP foi incorporada à Fundação de Ensino Superior de Pernambuco (FESP) em 1978. Em 1991, com a criação da UPE, tornou-se o Centro de Ensino Superior Público Estadual do Sertão do São Francisco.

**Imagem 4** – Professora Ana Rocha Braga, 2022

**Fonte:** Acervo pessoal de Ana Rocha Braga (2022).

Para a professora Ana Rocha, as primeiras lembranças de sua infância e adolescência foram momentos inesquecíveis, segundo suas palavras, mencionando os momentos de dificuldades na fase da escolarização, que envolveram outros aspectos, tanto familiares quanto econômicos, que associados trazem sentimentos de alegria e tristeza. Sobre sua infância, diz:

*A minha infância foi um período muito feliz, mas cheia de muitas dificuldades financeiras, mas tínhamos o carinho de nossos pais. Na comunidade não tinha escola. Durante essa fase, ajudávamos nossos pais nos trabalhos da roça, de casa, cuidar dos animais, os poucos que tínhamos. Na nossa comunidade, a água era salgada; morávamos em uma área de salina e precisávamos nos deslocar para longe para pegar água para beber, utilizando carga em jumentos, carregava água na cabeça, latas, barril, etc. Morávamos em uma casa de taipa, piso de barro, sem porta, sem reboco, etc. Quando me lembro de minha casa, lembro de Vinicius de Moraes: 'Era uma casa / Muito engraçada / Não tinha teto / Não tinha nada [...]'. Quando chovia, era difícil acomodar tanta gente, achar um lugar que não estivesse molhando [...]' (Braga, 2022).*

O início da escolarização de dona Ana Rocha aconteceu tardiamente, mas, naquela época, isso era comum no interior de Casa Nova-BA. Ela relata que sua “[...] realidade de vida começou a mudar com a chegada de uma professora leiga em 1959, o que me proporcionou aos 8 e a todas as crianças da localidade o aprendizado. A professora leiga ofereceu a sua própria casa como escola” (Braga, 2022).

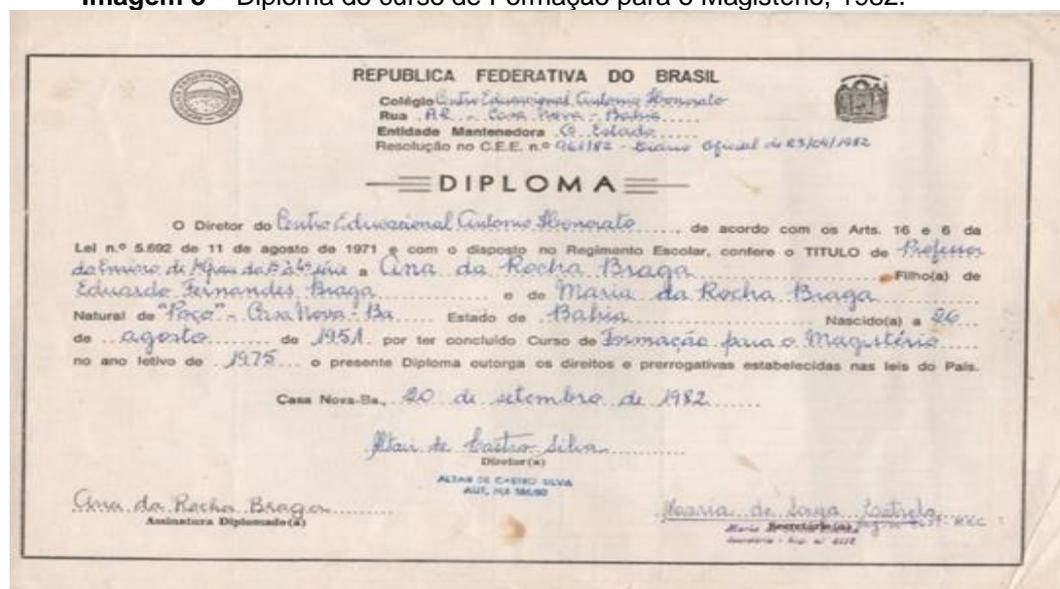
Em relação às condições de trabalho, Leonel, Castro e Rosário (2024, p. 11), destacam que “[...] o ensino em classes multisseriadas se desenvolveu de forma precária

ao longo da história da educação no Brasil”. É possível observar nos relatos da professora Ana Rocha que a escola na casa da professora leiga já fazia parte da expansão do Ensino Primário, especialmente na zona rural em muitos municípios do país. Nesse período, como mencionado por Gonçalves (2015), a criação de escolas primárias aumentou substancialmente, mas sem as condições mínimas de funcionamento; normalmente, a casa do professor era usada quando não havia outra disponível.

Quando já estava no 2º ano, Ana Rocha foi estudar com a sua tia Georgina, que trabalhava como professora formada em um local muito próximo da sua casa; para aceder à escola, bastava atravessar para o outro lado do rio. Ao concluir a 4ª série, hoje o 5º ano do Ensino Fundamental, no ano de 1968, com a idade de 17 anos, voltou para a casa de seus pais e foi convidada a substituir a professora leiga que havia lhe alfabetizado.

A trajetória formativa da professora Ana Rocha foi rica em conhecimentos adquiridos. Frequentou o Curso Normal e outros cursos complementares, pois, para ela, eram muito úteis na zona rural do município. Somente em 1976, aos 25 anos, passou em um concurso público. Em 1982, recebeu o seu diploma do curso de Formação para o Magistério, como mostra a Imagem 5.

**Imagem 5** – Diploma do curso de Formação para o Magistério, 1982.



**Fonte:** Acervo pessoal da professora Ana Rocha (2022).

O início do curso de Formação para o Magistério, em 1975, foi aplicado na Escola Normal, que funcionava nas estruturas do ginásio de Casa Nova-BA, “[...] somente em 1977, o Centro Educacional Antônio Honorato começa suas atividades oficialmente”

(Azevedo; Ávila, 2023, p. 44). Com isso, o diploma da professora, que foi expedido em 1982, já veio com a nova nomenclatura de Centro Educacional Antônio Honorato.

A professora Ana Rocha conta que, logo que concluiu o curso de Magistério, teve que continuar dando aulas na zona rural, pois na cidade não tinha vagas para lecionar: “[...] *as condições de trabalho não eram boas: primeiro, porque precisava morar na localidade, porque naquela época não tinha transporte*” (Braga, 2022). Contudo, nas memórias da professora, foram momentos inesquecíveis, pois ela havia deixado na comunidade rural muitas amizades que havia feito com os familiares de seus alunos.

A professora fez diversos cursos complementares para melhor contribuir com a comunidade na qual trabalhava, entre eles, o de parteira.

**Imagem 6** – Curso de Parteira Leiga da Diocese de Juazeiro-BA, 1980



**Fonte:** Acervo pessoal da professora Ana Rocha (2022).

Com relação aos cursos preparatórios da Diocese de Juazeiro-BA, a professora Ana Rocha fazia questão de fazê-los para melhor atender à comunidade. As memórias da professora nos fazem lembrar a obra de Gonçalves (2015) com a temática *Eu era professora, era catequista, era enfermeira, eu era tudo: a profissão docente no meio rural Piauiense (1971-1989)*. A realidade das professoras primárias de Casa Nova-BA não era diferente, eles também faziam de tudo dentro da escola e, na comunidade onde moravam e lecionavam, faziam até parto. A professora trabalhou 36 anos e se aposentou aos 61 anos de idade, em 1987.

### 3.3 Cuidar das pessoas: memórias de um professor no interior de casa nova

Cosme de Oliveira, o único entrevistado do gênero masculino, é conhecido na localidade de Entroncamento e em toda a sociedade casanovense como “Cosme do Entroncamento”. Nasceu no dia 27 de setembro de 1956, na cidade de Petrolina-PE, cidade vizinha a Casa Nova-BA. Em 2022, o professor tinha 66 anos de idade. A entrevista foi realizada por meio de um questionário, respondido pelo professor em sua residência, no formato manuscrito.

Imagem 7 – Professor Cosme de Oliveira, 2022



Fonte: Acervo pessoal de Cosme de Oliveira (2022).

O professor Cosme de Oliveira (2022) revela acontecimentos inesquecíveis sobre sua infância e escolarização:

*Tive uma infância comprometida com o trabalho de porta em porta, ora vendendo beiju de caco, bolos, frutas, pirulito, tudo para sobreviver, já que era órfão de pai, e a mãe, na condição de merendeira na Escola Estadual Dom Malam, às margens do rio São Francisco, na cidade de Petrolina. Na Escola Estadual Dom Malam, estudei da carta de ABC à 3ª série (2º ano de hoje). Parei de estudar ainda criança, pois tinha que trabalhar. [...] Ali vivi até os 16 anos, quando quis o destino que me deparasse com um amigo que era namorado de Corrinha, que posteriormente casaram-se, e eu me infiltrei entre eles, e foi assim que cheguei à localidade de Entroncamento, em Casa Nova-BA; morei na casa deles desde o dia 15 de setembro de 1972, ano em que havia retornado aos estudos, agora pela modalidade Mobral [Movimento Brasileiro de Alfabetização] e assistindo às aulas pela rádio. Mesmo estudando, continuei na condição de vendedor ambulante.*

A vida do professor não foi fácil. Teve uma infância focada no trabalho, apesar de a mãe trabalhar em uma escola, as necessidades alimentares e as vulnerabilidades econômicas e sociais contribuíram para o abandono escolar quando era criança. Aos 16 anos, voltou a estudar na modalidade Mobral<sup>5</sup>.

Nas suas memórias, o professor recorda as necessidades básicas que o rodeavam: habitação, alimentação, vestuário, estudo, entre outras. Aos 19 anos de idade, foi morar em São Paulo na residência de um tio, para trabalhar. Ele conta que, com muito esforço, voltou a estudar e fez alguns cursos técnicos que atendiam às necessidades do seu trabalho na época: “[...] *consegui chegar ao 8º ano colegial. Ingressei no Senai [Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial] em 1980, onde cursei pinturas para portas, grades e paredes*” (Oliveira, 2022).

Entre os cursos, o que se destacou foi o de técnico em administração. No entanto, sua estada em São Paulo foi interrompida por problemas de saúde; depois, teve que voltar para o Nordeste, já que o calor era muito bom para a sua saúde. A sua escolaridade foi marcada por vários cursos, que o distanciaram de um projeto educativo centrado na docência em meio rural.

A profissão docente abriu-lhe outras portas na comunidade, incluindo a de cuidar de doentes com tratamentos naturais. Essa nova condição de cuidador despertou nele o desejo de fazer o curso de técnico de enfermagem, pois na zona rural o professor deveria ter inúmeras habilidades. Entre elas, a mais solicitada no trabalho do professor foi a área da Saúde, tanto para crianças e pais como para toda a comunidade. De certo modo, esse desejo de cuidar da saúde das pessoas fez com que o professor mudasse seu foco formativo.

*Além de lecionar, passei a cuidar de pessoas enfermas com mezinhas, que beneficiavam muitos com sintomas de diversas naturezas; até parto fiz em minha comunidade. Com tantos desafios e amando o que fazia, busquei cursar técnico em enfermagem. Ao terminar o curso, optei por ficar com tratamento homeopático pela manhã e lecionando à tarde (Oliveira, 2022).*

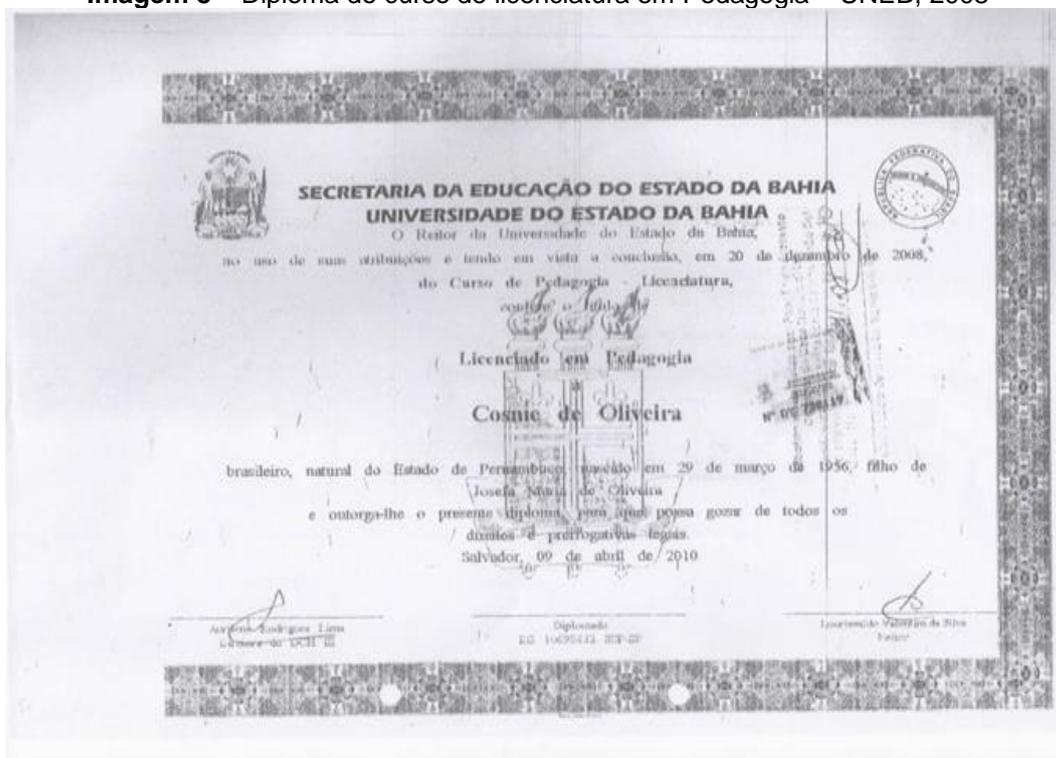
Sobre a formação para o Magistério, o professor recorda que:

*[...] em 2005, chegou em Casa Nova uma inscrição para o vestibular para o vestibular da UNEB [Universidade do Estado da Bahia] para o curso de*

<sup>5</sup> Movimento criado em 1970 com o objetivo de erradicar o analfabetismo entre jovens e adultos, tendo sido extinto em 1985.

*Pedagogia. Iniciaram-se as aulas em 2006 a 2008, com direito a descanso só aos domingos, para acelerar o curso, já que a faculdade ou curso era oferecido pela prefeitura, na gestão da prefeita Dagmar Nogueira (Oliveira, 2022).*

**Imagem 8** – Diploma do curso de licenciatura em Pedagogia – UNEB, 2008



**Fonte:** Acervo pessoal do professor Cosme de Oliveira (2022).

Iniciou o curso de licenciatura em Pedagogia em 2006 e concluiu em 2008. O curso foi intensivo, com menos tempo de duração e mais carga horária.

*A formação tinha recomendações que os professores instigassem com precisão o incentivo à escrita e leitura e a precisão das quatro operações e resolução de problemas. Era oferecida pela UNEB em parceria com o município; era obrigatória para todos os professores que estavam atuando em sala de aula (Oliveira, 2022).*

Cosme de Oliveira trabalhou como professor leigo na mesma escola na zona rural por 31 anos, de 1986 a 2017. O seu interesse em cuidar de pessoas levou-o a licenciar-se noutra profissão relacionada com a Saúde.

Nas memórias do professor, evidencia-se que ele aprendeu a ler outras necessidades da comunidade, que para ele eram tão importantes e urgentes quanto ensinar a ler e escrever. Ele viu que o social pode andar lado a lado com a Educação. Sobre esse tipo de experiências vividas e contadas pelo professor, Antônio Montenegro diz em entrevista a Cavalcanti e Soares (2016, p. 434):

Percebemos o mundo não como ele se apresenta, mas como socialmente os outros nos ensinam a lê-lo, a representá-lo, a significá-lo. Dessa forma, o entrevistado, ao relatar suas experiências, remete à dimensão individual, mas este individual é também social, porque não há individual sem o social, não há individual sem as marcas sociais.

Por pensar de maneira diferenciada, é que o professor Cosme só fez a formação de professor quando o Ministério da Educação (MEC) exigiu, com base na Lei n.º 9.394, de 24 de dezembro de 1996, segundo o seu artigo 9º:

§ 1º Os novos planos de carreira e remuneração do Magistério deverão contemplar investimentos na capacitação dos professores leigos, os quais passarão a integrar quadro em extinção, de duração de cinco anos. § 2º Aos professores leigos é assegurado prazo de cinco anos para a obtenção da habilitação necessária ao exercício das atividades docentes. § 3º A habilitação a que se refere o parágrafo anterior é condição para ingresso no quadro permanente da carreira conforme os novos planos de carreira e remuneração.

O Magistério, que passou a ser chamado de habilitação para o Magistério, tornou-se um curso de nível médio (Faria, 2018). Mesmo assim, o professor Cosme só ingressou no Ensino Superior dez anos após a promulgação da LDBEN/1996, quando o município, por meio da Secretaria de Educação, formou uma parceria com a UNEB, com o objetivo de extinguir a classe de professores leigos no estado. O município de Casa Nova-BA tornou pública a exigência de que os professores leigos frequentassem o curso superior para continuarem em sala de aula, uma vez que o Curso Normal já tinha sido extinto. Cosme de Oliveira cursou licenciatura plena em Pedagogia, oferecido pela UNEB em parceria com a prefeitura municipal de Casa Nova-BA, mas não se acomodou com o diploma de pedagogo, indo além do que exigia a lei, tendo feito pós-graduação em Educação Política e Meio Ambiente.

**Imagem 9** – Diploma de pós-graduação *lato sensu* em Educação Política e Meio Ambiente, 2008

**Fonte:** Acervo pessoal do professor Cosme de Oliveira (2022).

Com a preocupação de unir Saúde e Educação, o professor Cosme Oliveira fez, em 2009, um curso de pós-graduação *lato sensu* em Educação Política e Meio Ambiente pela Faculdade de Educação Montenegro (FEM) e seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve como título: *Fitoterapia: o poder da cura através das plantas*. Com essa especialização, pôde continuar com o trabalho que já fazia de cuidar da saúde da comunidade de Entroncamento e adjacências.

Em 2022, o professor completou 36 anos de docência; na época da entrevista, estava afastado por problemas de saúde, já pensando em se aposentar.

#### 4 Considerações finais

Este estudo analisou o percurso formativo e de profissionalização de três professores, duas mulheres negras e um homem branco, que lecionaram na zona rural de Casa Nova-BA entre as décadas de 1960 a 1990. A análise permitiu perceber alguns elementos comuns entre os entrevistados, os três eram leigos. Ana Rocha concluiu a formação para o magistério 14 anos após a chegada do Curso Normal em Casa Nova-BA, em 1975; a professora Lourdinha, 15 anos depois, em 1976; e o professor Cosme, 12 anos após a publicação da LDBEN/96. Outra singularidade entre os três professores é que

todos moraram na zona rural para lecionar. O professor Cosme, até os dias atuais, continua morando na localidade, até foi transferido para uma escola da sede contra a sua vontade, por isso continua morando na zona rural em que trabalhou grande parte de sua vida docente.

As memórias de dona Lourdinha revelaram-nos o longo e difícil percurso da professora leiga. Ela concluiu o curso de Magistério e depois estudou Literatura Inglesa. A professora Ana Rocha, por sua vez, sempre se preocupou com a comunidade em outros aspectos, por isso, além da formação para o Magistério, fez vários cursos voltados para a Saúde, pois tinha o desejo de ajudar a comunidade com primeiros socorros, como parteira, e medicina natural. As memórias do professor Cosme também nos permitiram observar os vários caminhos percorridos por ele, para quem as necessidades da comunidade sempre foram a sua prioridade, pelo que se assemelha à da professora Ana Rocha, que fez vários cursos para atender aos pais dos alunos e até frequentou um curso técnico em enfermagem, medicina natural, entre outros, de forma a contribuir com o bem-estar da comunidade de Entroncamento.

Frequentar a escola nesse período era algo inacessível para as pessoas pobres, visto que o cenário econômico na comunidade não deixava brechas para vislumbrar um futuro educacional diferente, nem para fazer o Curso Normal. Não só eles, mas outros professores leigos demoraram muito tempo para fazer o Curso Normal na cidade. Foram vários os obstáculos enfrentados pelos entrevistados, os quais não eram apenas professores, sendo também merendeiros, faxineiros, catequistas e até mesmo parteiros.

As memórias revelam que, apesar das dificuldades e desafios encontrados ao longo de suas carreiras, a satisfação de ver o progresso dos alunos e o impacto positivo do seu trabalho nas suas vidas foi uma recompensa valiosa para os professores.

## 5 Referências

ANDRADE, V. S. *Exercício da docência na formação de professores: identidades docentes no município de Cansanção – BA*. Jacobina: UNEB, 2017.

ÁVILA, V. P. S. *A escola no tempo: a construção do tempo em escolas isoladas (Florianópolis – 1930-1940)*. Florianópolis: Udesc, 2013.

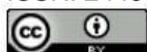
ÁVILA, V. P. S.; SILVA, R. S. M.; ROCHA, C. M. P. Memórias de professoras de escolas rurais em Juazeiro-BA e Petrolina-PE (1950-1970). *Revista Cocar*, Belém, v. 12, n. 24,

Educ. Form., Fortaleza, v. 9, e13994, 2024

DOI: <https://doi.org/10.25053/redufor.v9.e13994>

<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/index>

ISSN: 2448-3583



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)  
Atribuição 4.0 Internacional.

p. 501-523, 2018. Disponível em:  
<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/1957>. Acesso em: 20 jan. 2022.

AZEVEDO, E. O. N.; ÁVILA, V. P. S. A implantação do Curso Normal e a formação de professores primários no município de Casa Nova – Bahia (1961-1977). *Revista Cocar*, Belém, v. 18, n. 36, p. 1-18, 2023.

BRASIL. Decreto-Lei n.º 8.530, de 2 de janeiro de 1946. Lei Orgânica do Ensino Normal. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, DF, 4 jan. 1946.

BRASIL. Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e as Bases para o Ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 27 dez. 1961.

BRASIL. Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Graus, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 12 ago. 1971.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 dez. 1996a.

BRASIL. Leis nº 9.424, de 24 de dezembro de 1996. Dispõe sobre o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, na forma prevista no art. 60, § 7º, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 26 dez. 1996b.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAVALCANTI, E. V.; SOARES, F. S. História Oral entre reflexões e memórias: revisitando o percurso de Antônio Torres Montenegro e suas trilhas metodológicas do fazer historiográfico. *Revista Observatório*, v. 2, n. esp. 1, p. 426-446, 2016.

CHALOBA, R. F. S.; CELESTRE FILHO, M.; MESQUITA, I. M. *História e memória da educação rural no século XX*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

FARIA, A. H. *Trajetórias docentes: memórias de professores homens que atuaram com crianças no interior de Mato Grosso do Sul (1962-2007)*. 2018. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2018.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GONÇALVES, M. C. *“Eu era professora, era catequista, era enfermeira, eu era tudo!”: a profissão docente no meio rural piauiense (1971-1989)*. 2015. 198 f. Tese (Doutorado em

Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

IBGE. *Censo de 2022*: Bahia. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

IDEB. *Casa Nova*. Brasília, DF: IDEB, 2023.

JOUTARD, P. Desafios à História Oral do século XXI. In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTO, V. (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p. 31-45.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2012.

LEONEL, R. S.; CASTRO, A. O.; ROSÁRIO, K. D. S. Garantia do acesso à educação às crianças camponesas: o ensino infantil multisseriado em Altamira, Pará. *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 9, e13715, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/e13715>. Acesso em: 30 ago. 2024.

OLIVEIRA, E. N. A.; ÁVILA, V. P. S. A implantação do Curso Normal e a formação de professores primários no município de Casa Nova – Bahia (1961-1977). *Revista Cocar*, Belém, v. 18, n. 36, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/5650>. Acesso em: 25 ago. 2024.

OLIVEIRA, S. M. S.; ARAÚJO, F. M. L.; SILVA, C. D. M. A prática como locus de produção de saberes: vozes de professores sobre formação inicial e práticas escolares cotidianas. *Educação e Formação*; Fortaleza, v. 6, n. 1, e2885, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/2885>. Acesso em: 25 ago. 2024.

SCHELBAUER, A. R.; SOUZA, J. E. Atuação docente no meio rural: cultura e práticas escolares. In: CHALOPA, R. F. S. (org.). *História e memória da Educação Rural no século XX*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 363-398.

SERRA, A. E.; BARRETO, R. A. D. N. A formação de professores rurais no Brasil (1940-1970): o que as memórias revelam. In: CHALOPA, R. F. S. (org.). *História e memória da educação rural no século XX*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 400-439.

THOMSON, A. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da História Oral. In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTO, V. (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p. 47-65.

**Maria do Socorro Carvalho**, Universidade de Pernambuco (UPE)

 <https://orcid.org/0000-0002-3388-5242>

Mestra em Educação pela UPE. Coordenadora do curso de Pedagogia do Centro Universitário Alfredo Nasser (Unifan). Docente do curso de Pedagogia das disciplinas: metodologia científica, projeto de pesquisa, trabalho de conclusão de curso, língua portuguesa.

Contribuição de autoria: Escrita – rascunho original –, investigação e metodologia.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3033365553067849>

E-mail: [msocorro.silva5658@gmail.com](mailto:msocorro.silva5658@gmail.com)

**Virgínia Pereira da Silva de Ávila**, Universidade de Pernambuco (UPE), *campus* Mata Norte

 <https://orcid.org/0000-0003-4486-6124>

Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), *campus* Araraquara. Pós-Doutora em História da Educação pela Universidade de Lisboa (2019) e pelo Politécnico de Leiria (2024). Professora associada da UPE.

Contribuição de autoria: Escrita – Revisão e Edição, Supervisão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4618776221936510>

E-mail: [virginia.avila@upe.br](mailto:virginia.avila@upe.br)

**Editora responsável:** Lia Machado Fiuza Fialho

**Pareceristas *ad hoc*:** Maria Teresa Santos Cunha e Edilson Fernandes de Souza

**Como citar este artigo (ABNT):**

CARVALHO, Maria do Socorro; ÁVILA, Virgínia. Ser professor no sertão baiano: memórias de professores leigos (Casa Nova-BA, 1960-1990). *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 9, e13994, 2024. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/e13994>



Recebido em 3 de setembro de 2024.

Aceito em 21 de dezembro de 2024.

Publicado em 26 de dezembro de 2024.